



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA  
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

**UMA AJUDANDO A OUTRA: MEMÓRIAS DAS PARTEIRAS PALIKUR DO  
URUCAUÁ**

**Acadêmica:** Noeliza laparrá

**Orientadora:** Solange Rodrigues da Silva



Oiapoque, 2019

## **RESUMO**

Nesta pesquisa apresentamos uma análise sobre experiências das parteiras Palikur que vivem nas aldeias indígenas localizadas na região do rio Urucauá , Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque-AP. O objetivo central do trabalho é dar visibilidade as experiências, memórias e histórias dos saberes e conhecimentos tradicionais que envolvem o ritual do nascimento da criança Palikur. Para tal, além de registramos parte das memórias dos trabalhos realizados enquanto ajudante de parto pela primeira autora desta pesquisa e realizamos entrevistas com parteiras Palikur, que foram fundamentais para compreendermos a realidade da assistência ao parto realizado por parteiras tradicionais. O trabalho de parto e nascimento domiciliar assistido por parteiras tradicionais é muito reconhecido e valorizado nas comunidades indígenas. Ao optarem pelo parto tradicional, as mulheres Palikur ficam sobre a responsabilidade da parteira: desde os cuidados que devem ter no período da gestação até o nascimento da criança. Essa pesquisa se justifica pela importância de registrar as experiências vivenciadas junto as parteiras Palikur na arte de partejar, seus saberes, visões de corpo e de mundo que são transmitidos entre gerações.

**Palavras Chave:** Memórias; parteiras; Palikur

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>1.QUEM SOMOS NÓS OS PALIKUR?.....</b>	<b>07</b>
<b>2: SABERES E PRÁTICAS DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS NA GESTÃO DAS MULHERES PALIKUR .....</b>	<b>13</b>
2.1. O poder curativo das plantas .....	13
2.2. Restrição alimentar .....	21
<b>3. GESTAÇÃO, PARTO E PÓS-PARTO DAS MULHERES PALIKUR.....</b>	<b>26</b>
3.1. Cuidados com a primeira menstruação .....	26
3.2 Parto das mulheres Palikur: um ritual de vida.....	32
3.3. O parto da mulher Palikur na contemporaneidade: mudanças e permanências .....	41
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>



Casada com João Colares dos Santos Narciso, indígena da etnia Galibi-Marworno, mãe de cinco filhos, teve seu primeiro filho aos dezesseis anos de idade. Após vivenciar a primeira experiência do gestar e do parir Noeliza passou a assistir partos acompanhando sua mãe e sua cunhada Maria Clarice Narciso, parteira profissional, residente na aldeia Flecha, a quem acompanhou mais de vinte partos. Sua experiência na arte de partejar vai desde a contribuição na organização do local em que é realizado o parto, na realização dos chás e compressas utilizados, ao momento do nascimento: um ritual de vida.

Por motivos de saúde Clarice Narciso deixou de realizar partos assistidos, mas antes compartilhou os saberes transmitidos por sua mãe, a sua filha Ana Helena Narciso Nunes, que passou a realizar os partos na aldeia Flecha até 2013, ano em que faleceu. Ana Helena, assim como sua mãe, antes de partir transmitiu todo o conhecimento sobre a arte de partejar para sua nora Maria Letícia Narciso, que atualmente acompanha as mulheres gestantes na aldeia flecha.

Além do conhecimento transmitido nas experiências vivenciadas juntamente com sua mãe Maria Nilza Narciso e sua cunhada Maria Clarice Narciso e suas sobrinhas Ana Helena e Maria Letícia, Noeliza traz para esta pesquisa os saberes e conhecimentos transmitidos por sua tia Adélia Narciso, moradora da aldeia Kumenê, que atualmente atende grande parte das mulheres Palikur da região do Urucauá e que também contribuiu com a pesquisa através de entrevistas em que compartilhou parte de seus saberes e conhecimentos sobre a arte de partejar.

Tendo em vista que historicamente nos partos assistidos por ajudantes Palikur, utiliza-se dos saberes e práticas culturais de curas realizadas por conhecedores do pota, conhecidos em nossas aldeias como “assopradores”, realizamos entrevista com o senhor Sandoval Narciso, 70 anos, antigo morador da aldeia Flecha, atual morador da aldeia Kuahi, que contribuiu para conhecermos um pouco mais da prática do pota e também para os cuidados com a primeira menstruação de uma moça Palikur.

Atualmente Noeliza tem acompanhado partos assistidos por sua sobrinha, nora de Clarice, e nesse trabalho apresenta parte das experiências transmitidas por sua mãe, sua cunhada Maria Clarice, a sobrinha Maria Letícia e sua tia Adélia na arte de partejar, um saber “compartilhado pelas mulheres que passaram pela

experiencia do gestar e do parir e que auxiliam outras mulheres a trazerem seus filhos ao mundo”. (FERREIRA, 2013 p.11)

O trabalho está estruturado em três capítulos. No **primeiro capítulo**, apresentamos a organização socioespacial do povo Palikur, aspectos históricos, organização e estrutura dos Clãs, e a nossa relação com o rio Urucauá.

No **segundo capítulo**, buscamos dar visibilidade aos saberes e práticas das parteiras tradicionais na **gestação das mulheres Palikur, destacando a importância do poder curativo das plantas, e os cuidados com a alimentação.**

No **terceiro capítulo**, apresentamos os cuidados com a gestação, parto e pós-parto das mulheres Palikur, desde os cuidados com a primeira menstruação, até o nascimento: um ritual de vida.

Em consonância com o pensar de Vidal (2000) *apud* Santos (2019, p. 4) entendemos que para nós povos indígenas a arte funciona como importante meio de transmissão do conhecimento, realizamos ilustrações das experiências e saberes das ajudantes Palikur na arte partejar. Para elaboração dos desenhos buscamos aporte no pensar do professor Oliveira Junior (2011, p. 17) para o qual “As “regras” do desenho são as estabelecidas pela cultura na qual cada desenhista está inserido e elas mergulham-nos na história desta linguagem – do desenho!”

## 1. QUEM SOMOS NÓS OS PALIKUR?

Antigamente o povo Palikur vivia espalhados ao longo do território Palikur, se organizavam em aproximadamente vinte e nove clãs, viviam de acordo com sua cultura, unidos em um determinado espaço, ligados por laços de parentesco. “Cada um vivia segundo sua cultura e seus modos particulares, inclusive a língua que falavam era também diferente” (BATISTA, 2018, p. 2).

A organização e estrutura dos clãs Palikur está intrinsecamente relacionada aos saberes e conhecimentos de nosso povo com o meio em que vivemos, ou seja, as nossas geografias.

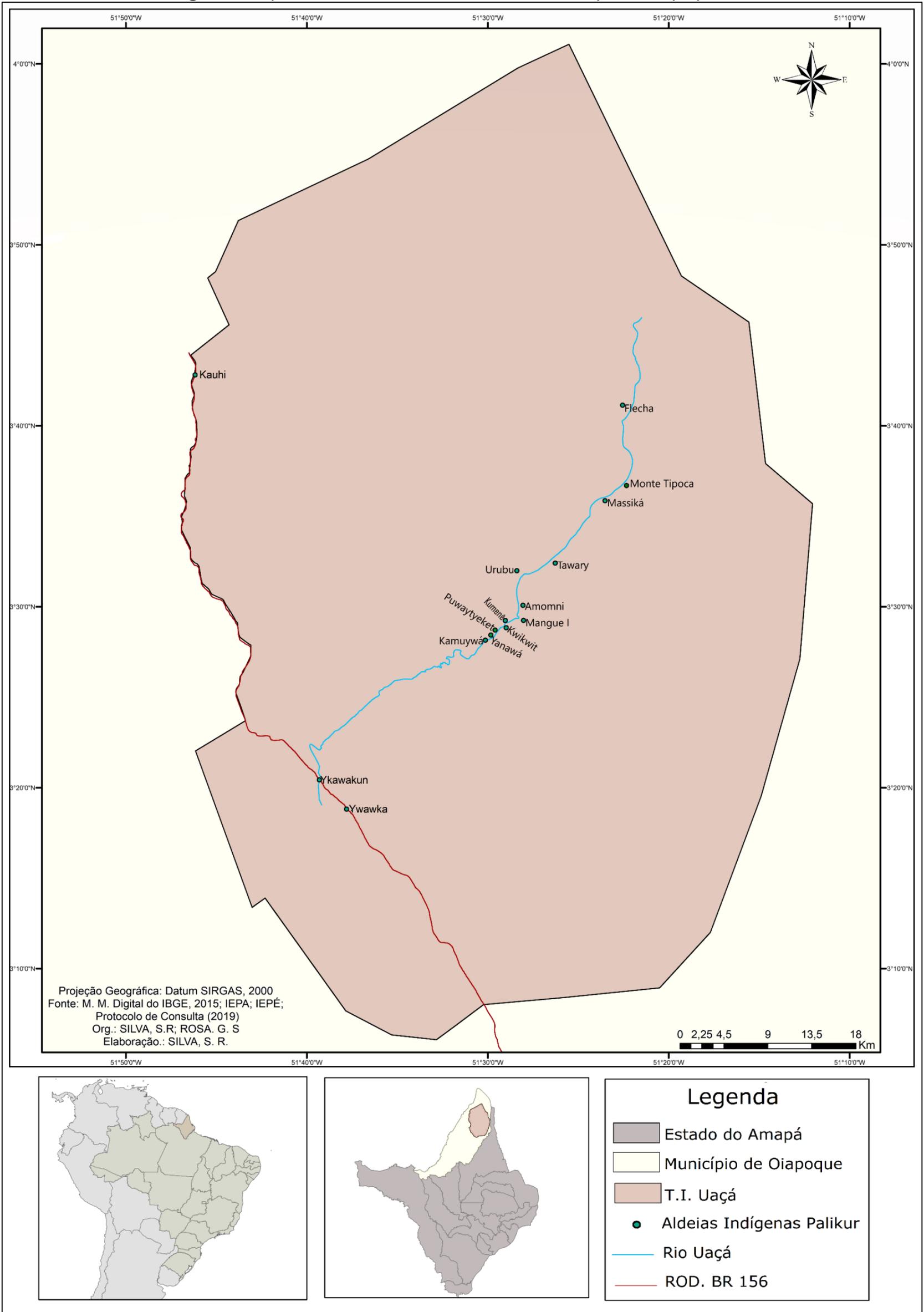
Os animais, os fenômenos naturais, as plantas, os elementos da natureza têm grande importância na criação e organização clânica Palikur. Não obstante, é a partir desses fatores relacionais e outros que a estrutura social, familiar e de parentesco entre os Palikur foi constituída. Entendo que a formação dos clãs representa a possibilidade de reconhecer o quanto os humanos estão intimamente ligados aos não humanos, aos fenômenos da natureza e aos demais seres que povoam a terra, sejam eles visíveis ou invisíveis. (BATISTA, 2018, p. 2).

Atualmente o povo Palikur localiza-se nos dois lados da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, ao longo dos anos houve uma redução do número de clãs, havendo apenas seis grupos, “que já não vivem mais espalhados, unificaram a língua, vivem principalmente na aldeia Kumenê e em outras pequenas aldeias ao longo do rio URUCAUÁ , como também na Guiana Francesa.” (BATISTA, 2018, p. 2).

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, o autor anteriormente citado, evidenciou além da redução do número de clãs, a imposição do estado brasileiro que nos obrigou a adotar nomes “brasileiros”. “Assim, Wakavuniyene passou a ser chamado (Batista), Waivuyene (Ioiô), Kawakeyene (Labontê), Wadahyene (Iaparrá), Paraymyene (Martins ou Guiome) e Waxiyene (Félicio)”. (BATISTA, 2018, p. 13).

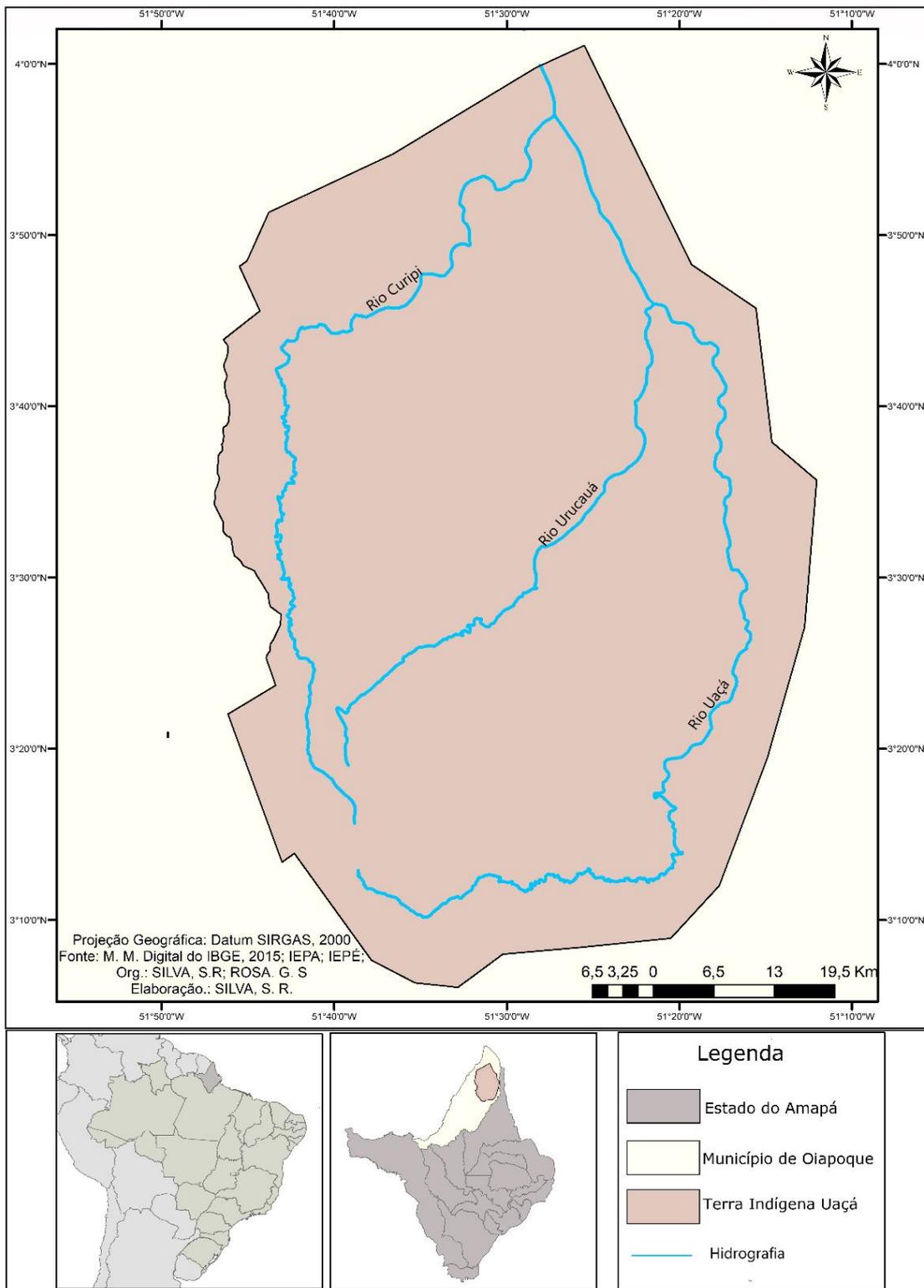
No Brasil vivemos em quinze aldeias localizadas na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque, no estado do Amapá. Doze das quinze aldeias Palikur estão localizadas no rio Urucauá, são elas: Flecha, Monte Tipoca, Urubu, Massiká, Tawary, Amomni, Mangue I, Kumenê, Kwikwit, Puwaytyeket, Kamuywá, Yanawá (localizadas no Rio URUCAUÁ ); e três estão localizadas na Rod. Br 156: Ywawka, Arukwa (Ikawakun), e Kuahi (figura 2).

Figura 2: Mapa das aldeias Palikur localizadas no município de Oiapoque- AP



Na aldeia flecha existem famílias que migraram de aldeias Galibi-Marworno e Karipuna, mas somos Palikur porque moramos no rio Urucauá. Segundo Dreyfus-Gamelon *apud* Ricardo 1983, p.19, o nome Palikur corresponde a autodenominação Pariku'ene, Aukwayene ou Aukuyene. Essa denominação está relacionada a localização do rio Urucauá, em relação aos rios Curipi e Uaçá e, significa gente do rio do meio (figura 3).

**Figura 3:** Mapa dos principais rios localizados na Terra Indígena Uaçá.



Os referencias de orientação e localização do povo Palikur estão diretamente relacionado ao rio Urucaúá. Entre os meses de setembro a outubro, algumas famílias ainda mantém o hábito de descer o rio para pescar, pegar traçajá e ovos de jacaré (figura 4).

**Figura 4:** Família Palikur descendo o rio URUCAUÁ em busca de alimentos



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Em outubro e novembro, período do verão, as famílias ficam à vontade para colocar suas redes e permanecerem por alguns dias na beira do rio para comer peixe moqueado (figura 5).

**FIGURA 5:** Pesca e preparação do peixe de uma família Palikur às margens do rio URUCAUÁ



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Ainda hoje algumas famílias se reúnem na “beira do rio”, no verão, entre os meses de setembro e outubro, amarram suas redes praticamente na frente da aldeia Flecha, pegam tamatá<sup>3</sup> no campo até a chuva cair quando retornam para suas aldeias para plantar suas roças.

De acordo com dona Adélia antigamente era comum ocorrerem partos na beira do rio, tendo em vista que as mulheres gestantes não sabiam exatamente o mês em que engravidara e por conseguinte não sabiam em que momento iriam nascer seus bebês, geralmente o nascimento era previsto para o período de desova de alguns animais, o parto acontecia naturalmente, na “beira do rio”, para nosso povo não havia problema algum.

---

<sup>3</sup> Espécie de peixe abundante nos campos alagados e nos poços. É encontrado com facilidade apenas no verão, no inverno sua pesca é muito difícil (FREITAS, 2016, p.30).

## 2: SABERES E PRÁTICAS DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS NA GESTÃO DAS MULHERES PALIKUR

### 2.1. O poder curativo das plantas

Como antigamente os povos indígenas mantinham seus costumes tradicionais, a comunidade não dependia de medicamentos de farmácia (dos não índios), porque dentro da mata tinha uma grande diversidade de espécies de plantas, que eram utilizadas para curar várias doenças.

Alguns desses saberes ainda permanecem em nossas aldeias, a exemplo das cascas de plantas utilizadas na cicatrização das mulheres no pós-parto, retiradas das árvores, ou plantas como o uahuxi<sup>4</sup> e a andiroba (figura 6), que servem até hoje para fazer banho e chá, evitando e/ou pelo menos amenizando as dores no corpo das mulheres após o nascimento das crianças.

**Figura 6:** Curauá e Andiroba plantados pela autora próximo a sua residência

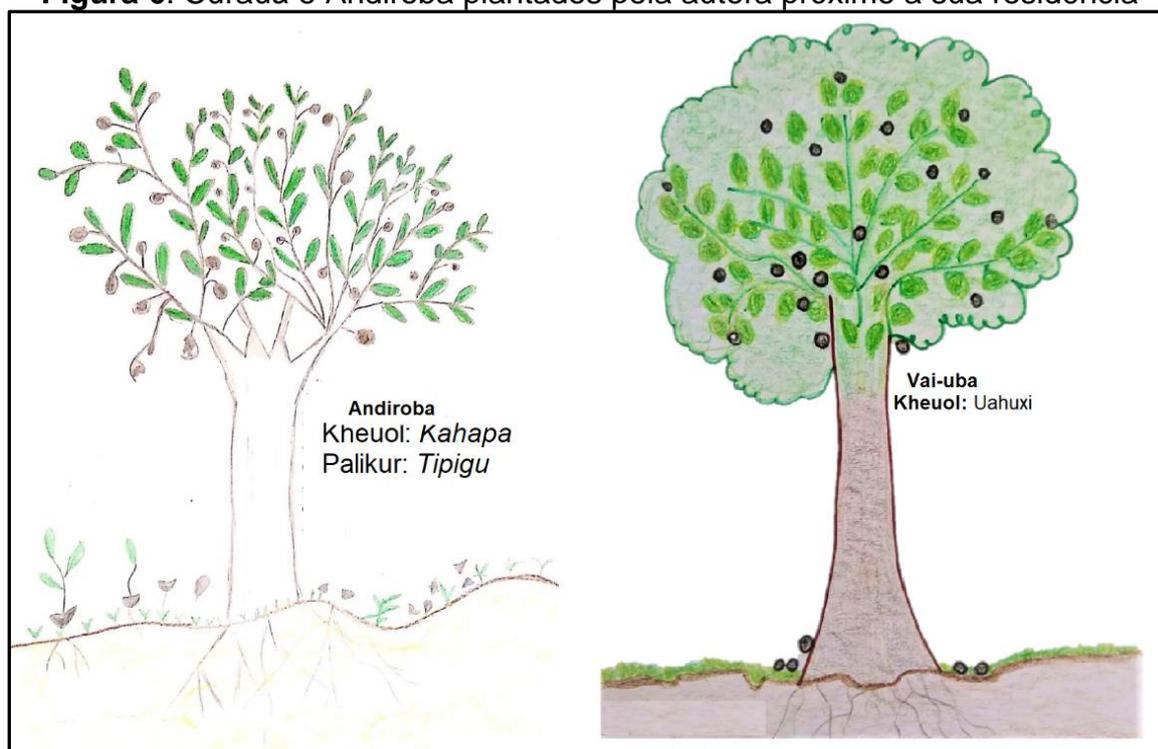


Foto: IAPARRA, Noeliza, 2019  
 Fonte: Adaptado de Castro (2013, p. 23)

<sup>4</sup> É uma planta de tamanho grande que serve de remédio caseiro para curar doenças, é muito utilizado como remédio nos partos de mulheres (NARCISO, 2013, p.26)

Outra planta muito utilizada nas nossas aldeias é o curauá, ainda hoje as fibras extraídas<sup>5</sup> são usadas para amarrar na cintura, nos braços e nas pernas do recém nascido (figura 7), para que cresça com força e coragem para lutar.

**Figura 7:** Criança Palikur com fibras de Curauá nas articulações



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza, 2019

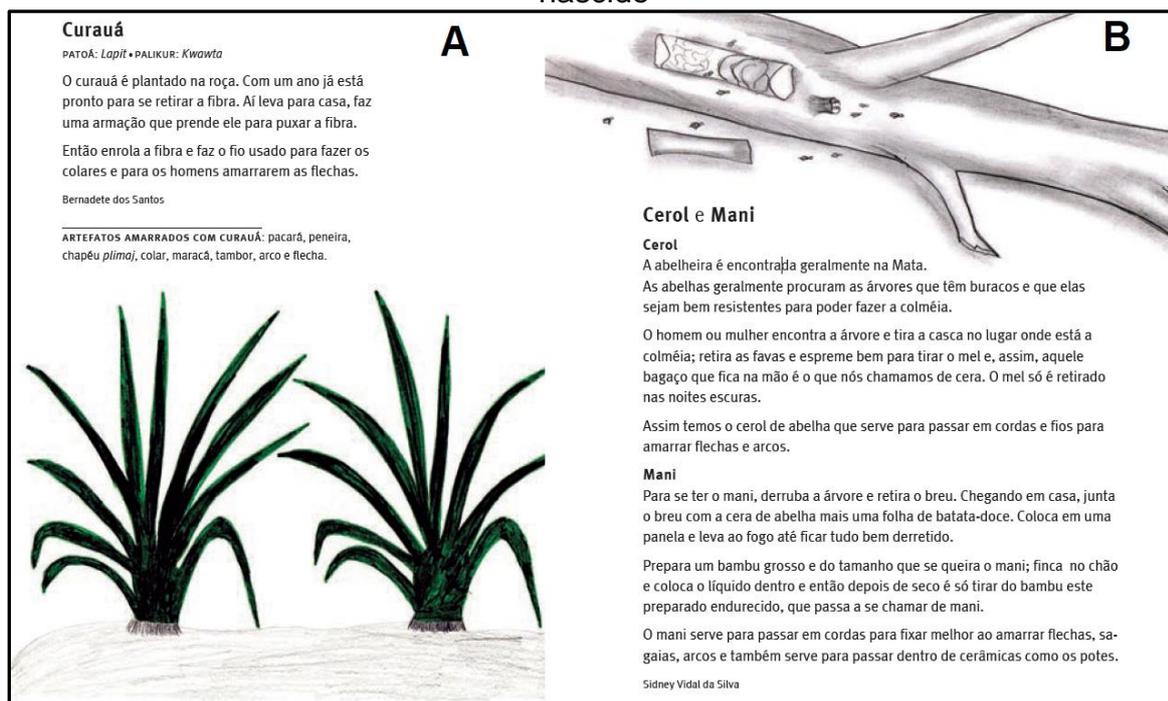
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

De acordo com dona Glauca Ioiô Labonte moradora da aldeia Flecha, quando a criança começa a andar nós marramos o Curauá nos braços e nas pernas para que ela cresça com firmeza e não venha a cair. A fibra extraída do curauá (figura 8 A) também é aproveitada para amarrar o cordão umbilical do recém nascido. No fio é passado cerol (mani) (figura 8 B) usado para fixar melhor ao amarrar o cordão umbilical.

---

<sup>5</sup> Antigamente algumas mulheres Palikur usavam a fibra extraída do curauá, para costurar roupas. Nos dias atuais esta planta serve para confecção dos fios para elaboração dos colares do Povo Palikur..

**Figura 8:** Plantas medicinais utilizadas no cuidado com o umbigo do recém-nascido

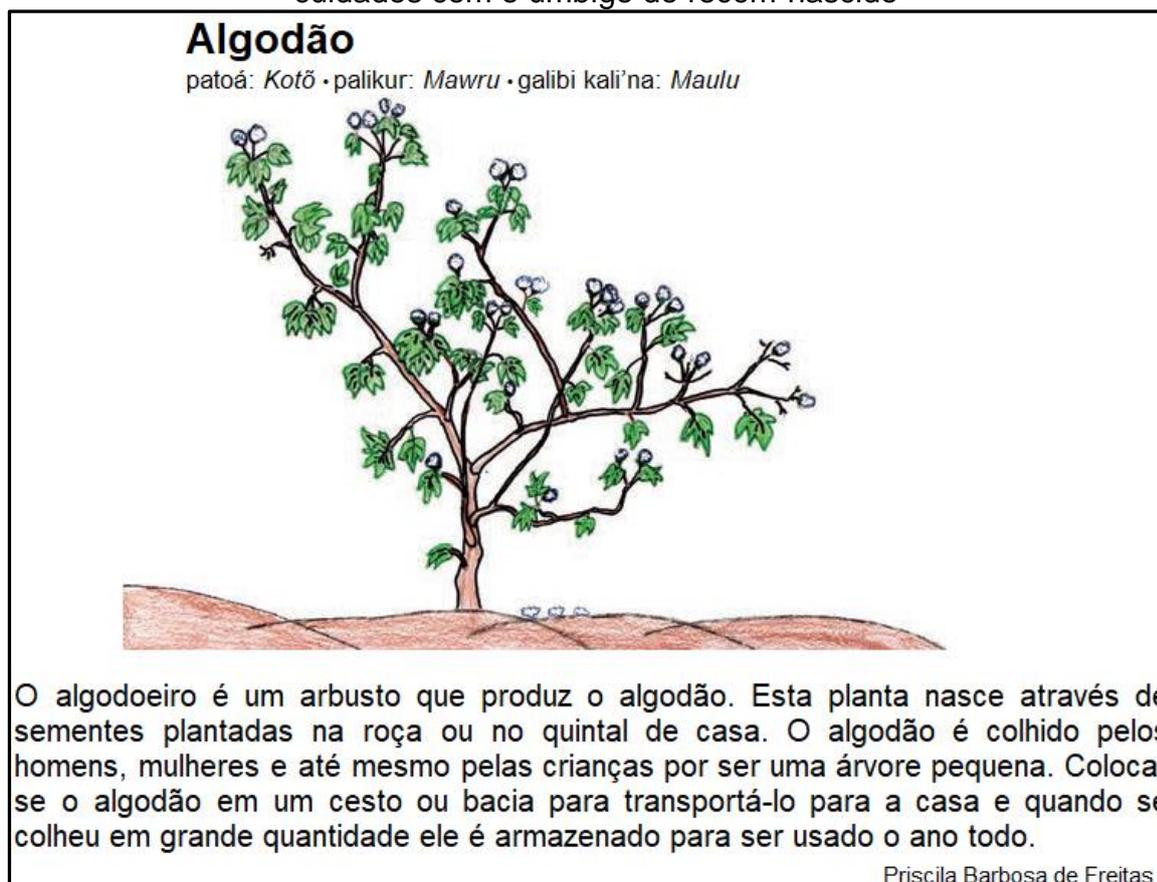


Org.: IAPARRA, Noeliza; SILVA, S.R.  
 Fonte: Adaptado de CASTRO, 2013, p. 49;61

Para cobrir o cordão umbilical é utilizado o algodão tecido do algodoeiro<sup>6</sup> (figura 9).

<sup>6</sup> Dona Maria Tereza Cristina Jeanjacque e Priscila Barbosa de Freitas, citadas por Castro (2013) destacam outras utilidades do algodoeiro nas aldeias das terras indígenas do Oiapoque. "O algodão tem muitas utilidades na aldeia. Serve para curar a garganta das crianças quando está inflamada, para fazer a limpeza de ferimentos quando uma pessoa se machuca e também na dança do Turé, simbolizando a cura feita pelos pajés. A semente do algodoeiro serve para tirar o óleo, para passar em pessoas paralisadas ou na parte do corpo paralisado, com o objetivo de tentar recuperar os movimentos perdidos. Serve para reumatismo. A folha do algodoeiro é pilada para retirar o sumo que se dá para a pessoa que está com a garganta inflamada e com catarro no peito. Este sumo com uma pitada de sal e um pouco de água é colocado para ferver e é muito bom para as pessoas que estão com diarreia. O algodão é fácil de ser encontrado nas aldeias. Os artesanatos usados na dança do Turé que têm algodão são o butxe, o maracá, o bastão do jãdam, o chapéu plimaj e a coroa. As mulheres Galibi Kali'na sabem tecer as grandes redes de dormir inteiramente de algodão". p.22

**Figura 9:** Algodoeiro – planta utilizada para fabricação do tecido usado nos cuidados com o umbigo do recém-nascido



**Org.:** IAPARRA, Noeliza; SILVA, S.R.  
**Fonte:** Adaptado de CASTRO, 2013, p. 21

A folha do algodão roxo também é utilizada para combater algumas complicações no pós-parto. Segundo os ensinamentos de dona Maria Clarice Narciso, a folha do algodão é importante para combater a hemorragia da mulher no pós-parto, basta ferver as folhas em uma panela com água e consumir três vezes ao dia.

Outra planta utilizada para evitar o sangramento e ajudar na cicatrização no pós-parto é a casca da andiroba (figura 10).

**Figura 10:** Andiroba – planta medicinal utilizada para puxar a barriga da gestante e no tratamento de inflamações



Fonte: Adaptado de CASTRO, 2013, p.23.

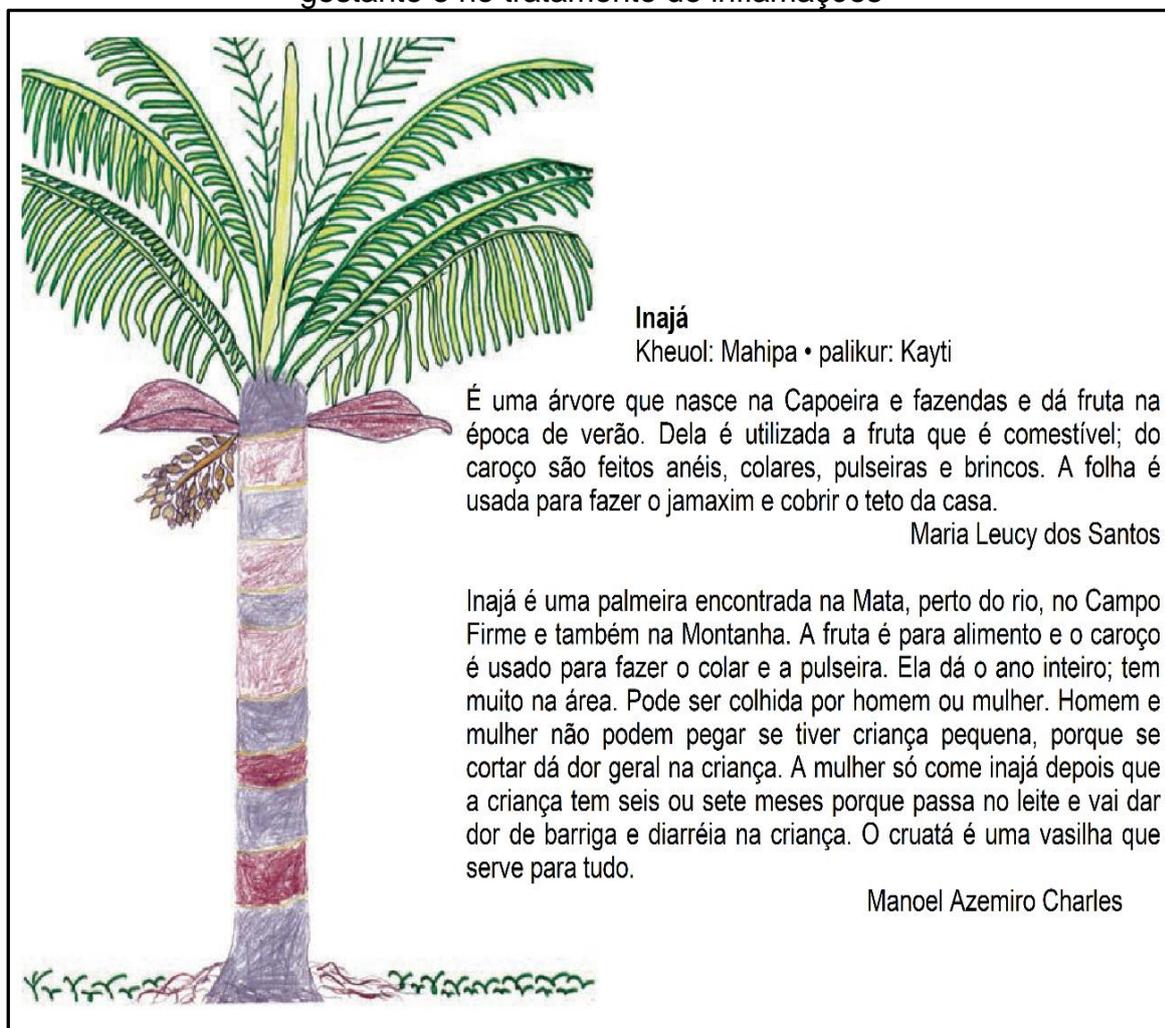
A andiroba é muito utilizada para o combate de outras inflamações, como por exemplo, a garganta inflamada, ematomas devido a queda, entre outros benefícios como descritos pelo senhor Manoel Labonté, presente no livro Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque.

A semente se junta, coloca no *jamaxim*, empalha com outra folha, aí coloca a alça do *jamaxim* e leva embora; cada um leva um *jamaxim* cheio. Aí quando chega em casa, aquela fruta de andiroba vai ser colocada na água. Depois de duas semanas, se tira aquela água e põe para cozinhar. Depois vai se colocar no sol por três dias. Aí vão quebrando aqueles frutos e retirando a massa deles. Aí vão pegar esta massa e colocar no tipiti. Faz-se um tipiti mesmo próprio para isso, ele mede mais ou menos 1m de comprimento e é para retirar o óleo da

andiroba. Aí vão tirando o óleo e engarrafando tudo. Depois coloca-se tudo em um paneiro e quando as pessoas quiserem pegar para misturar com urucum, pegam e usam. Usam-se também para pintar o banco, o maracá, para passar nas sementes e caroços usados nos colares, pulseiras, brincos e anéis para dar brilho e, muitas vezes, evitar broca. A andiroba se usava quando se ia caçar no mato para que o carrapato e o mucuim não peguem na pessoa. (CASTRO, 2013, p. 24)

Das sementes da andiroba e da inajá (figura 11) - palmeira encontrada em grande parte das terras indígenas do Oiapoque - é extraído o óleo utilizado para puxar a barriga (ritual bastante utilizado pelas parteiras indígenas que permanece até os dias atuais). Além do óleo extraído das plantas anteriormente citadas, para puxar a barriga das gestantes usa-se banha de animais (jaboti, paporaru, mucura).

**Figura 11:** Inajá – planta medicinal utilizada para puxar a barriga da gestante e no tratamento de inflamações



Fonte: Adaptado de CASTRO, 2013, p. 72

Assim como a andiroba o óleo de inajá é um importante remédio para curar inflamação. Todos os medicamentos usados nos cuidados com a gestação e parto das mulheres Palikur são amassados e/ou misturados em uma cuia<sup>7</sup> branca (sem pintura) (figura 12). Antigamente a parteira preparava o curuata<sup>8</sup> de inajá para realizar o banho de acento da mulher Palikur no quinto dia de pós-parto.

**Figura 12:** Cuia utilizada no preparo dos medicamentos usados para puxar a barriga da gestante



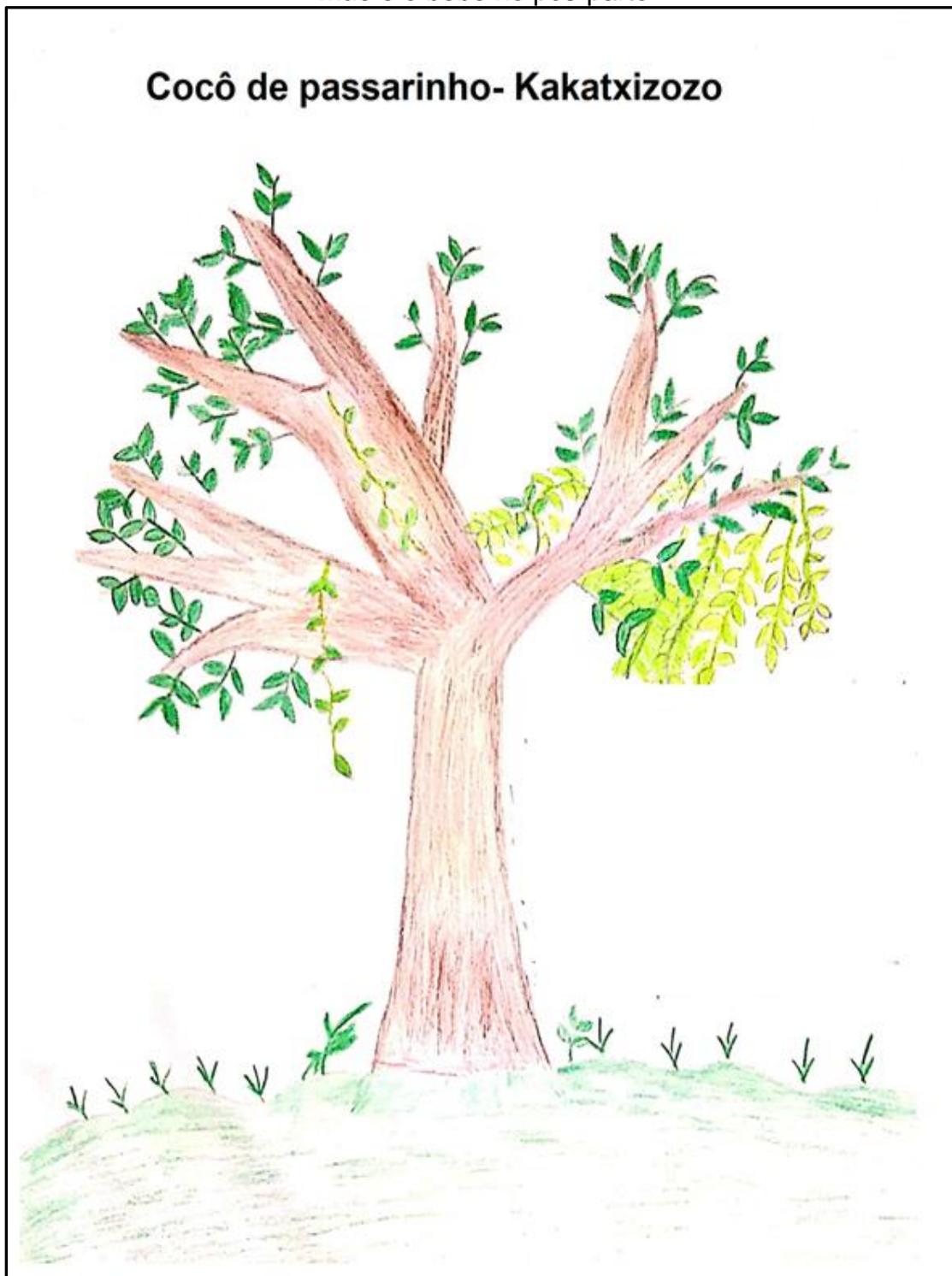
Foto: SILVA, S.R. (2019)  
Fonte: trabalho de campo

Outra planta utilizada na medicina tradicional Palikur é o cocô de passarinho – kakatzizozo – (figura 13). Essa erva serve para fazer as compressas sobre a barriga da mulher, nos locais doloridos e inchado após o parto e, possui um poder de cura para as crianças recém-nascidas. Quando o bebê chora muito, pode ser “mal olhado”.

<sup>7</sup> A cuia é extraída de uma árvore chamada cueira. Além da utilização pelas parteiras a cuia é usada para fabricação de artesanatos. O plantio é feito com mudas de galhos. No período menstrual a não pode tirar o fruto; De acordo com a professora Edlena dos Santos da etnia Galibi Marworno, “se isso acontecer a árvore perde a força e os frutos não chegam a amadurecer e caem. A cueira produz o ano todo. Tem várias espécies de cuias; elas variam de tamanho e de formato”. (SANTOS, Edlena, citada por Castro, 2013, p. 58)

<sup>8</sup> Invólucro das flores das palmeiras.

**Figura 13:** Kakatxizozo – planta medicinal utilizada nos cuidados com a mãe e o bebê no pós-parto



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza, 2019  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

De acordo com Dona Adélia Narciso o poder de cura medicinal do kakatxizozo nos recém-nascidos é alcançado através de um banho, realizado pela parteira. Após o banho, o poder curativo desta planta faz com que o bebê durma tranquilamente.

A análise realizada nesse subitem, reafirma a importância de pensarmos projetos voltados a valorização das plantas medicinais, fundamentais para o fortalecimento dos saberes e conhecimentos tradicionais. Esta é uma demanda que vem sendo discutida em nossas assembleias, e nas reuniões Da Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão – AMIM.

## **2.2. Restrição alimentar**

Existem restrições alimentares que as gestantes devem seguir. Há vários estudos acerca da importância da alimentação para saúde, prevenção ou controle de doenças entre os povos indígenas da Amazônia. (DA MATTA, 1976; SEEGER, 1980)

No caso específico do povo Palikur, se a mulher não obedecer às regras alimentares que a família e a parteira indicam e comer macaco com o rabo enrolado na árvore, jabuti, ovo de jacaré ou camaleão, pode apresentar alguma complicação, como por exemplo, não obter dilatação necessária para a realização do parto “normal”.

Nas terras indígenas do Oiapoque o jabuti (figura 14) pode ser encontrado tanto no inverno como no verão. Além da utilização do casco para fabricação de artesanatos, a carne é consumida como alimento. Tradicionalmente esse é um dos alimentos que faz parte da restrição alimentar das mulheres Palikur no período da gestação.

**Figura 14:** Jabuti – alimento de restrição alimentar para as gestantes Palikur

**Jabuti**

*Kheuol: Totxi*

Palikur: *Wayam*



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza Narciso

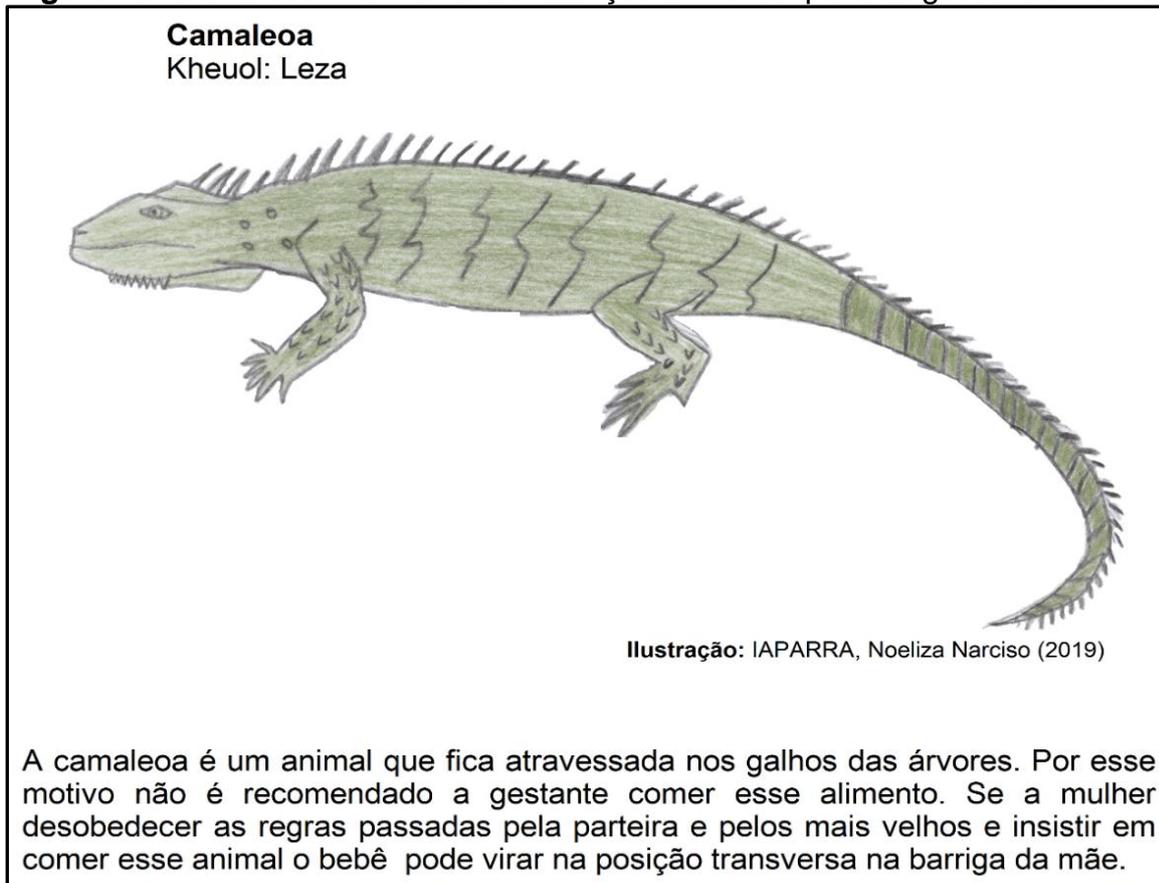
Segundo a tradição do povo Palikur quando uma mulher está grávida deve evitar comer este animal de casco porque ele é muito lento, anda muito devagar. Se a mulher gestante comer o jabuti, quando ela for sentir as dores do parto, o parto pode ser muito demorado porque as contrações serão muito lentas. Assim de acordo com os saberes e conhecimentos tradicionais Palikur é recomendável que a mulher grávida evite esse alimento durante sua gestação.

**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza, 2019

**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Outro animal que faz parte da restrição alimentar da gestante Palikur é o camaleão (figura 15).

**Figura 15:** Camaleoa – alimento de restrição alimentar para as gestantes Palikur



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza, 2019

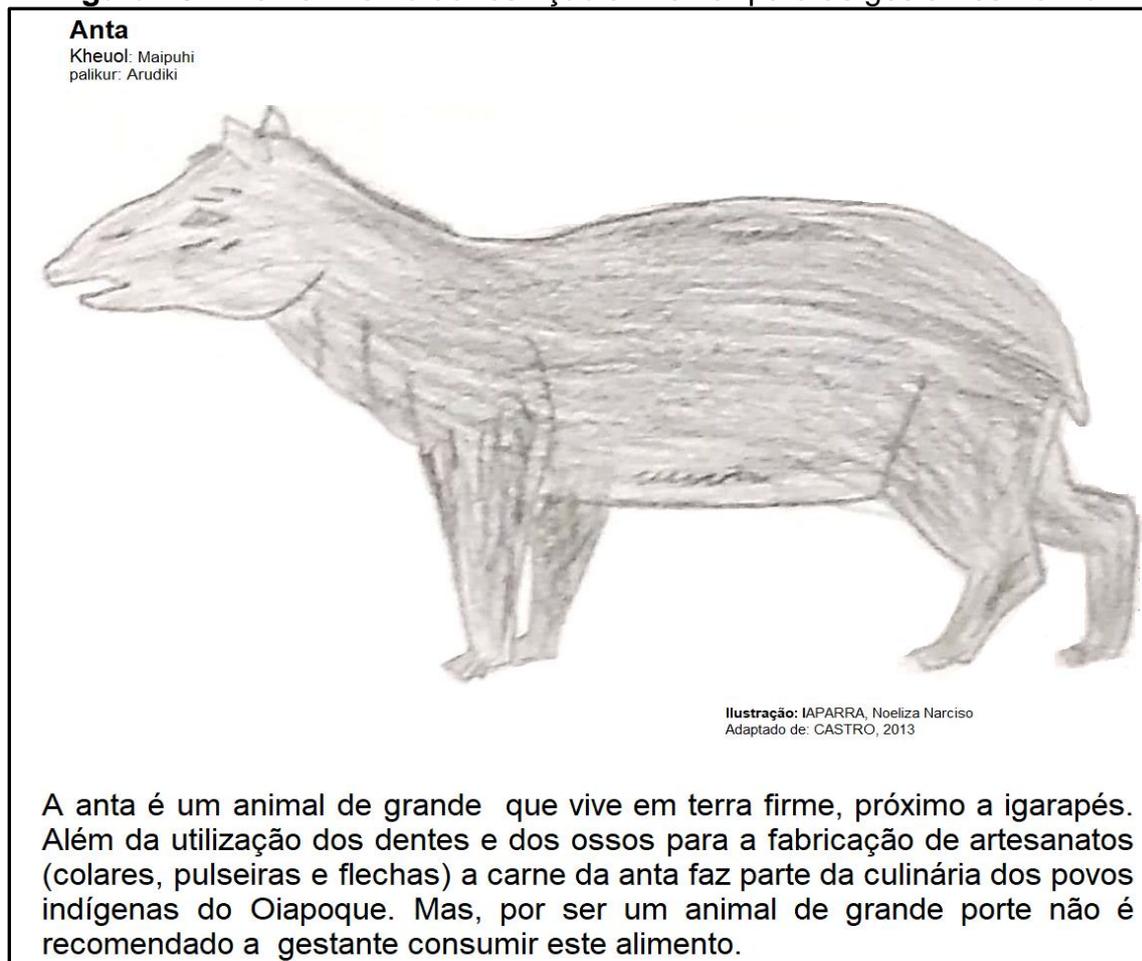
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Se a mulher desobedecer aos ensinamentos da parteira e dos mais velhos da aldeia e insistir em comer o cameleão, poderá ter um parto complicado, levando em muitos casos a necessidade de um parto cirúrgico (cesariana).

Atualmente na aldeia Flecha tem uma mulher gestante que por não saber que estava grávida não seguiu os ensinamentos e comeu camaleão. Aos seis meses de gravidez o bebê ainda está na posição transversa na barriga da mãe. Mesmo com várias tentativas de puxar a barriga para encaixar a criança na posição ideal, passado um dia o bebê volta para a posição transversa, podendo ter que se submeter a um parto cesariana.

A cesariana pode acontecer também, devido ao consumo da anta (figura 16), uma animal encontrado nas terras firmes e nas florestas das terras indígenas do Oiapoque.

**Figura 16:**Anta– alimento de restrição alimentar para as gestantes Palikur



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza, 2019  
**Fonte:** Adaptado de CASTRO, 2013, p.

De acordo com os ensinamentos das parteiras e das mulheres Palikur mais velhas, esse animal por ser muito grande e gordo acaba influenciando no crescimento da criança, que pode atingir mais de quatro quilos nos meses finais da gestação. Isso acarreta um parto complicado e por consequência demorado.

Além dos animais algumas frutas como melancia e abacaxi uma vez que podem fazer com que a cabeça da criança nasça muito grande, e assim devem ser evitados durante a gravidez.

É papel da família orientar a moça nas restrições alimentares durante a gestação e no pós-parto. Esse cuidado nós mulheres Palikur, tínhamos principalmente na primeira gravidez, para não ter complicação no parto. Todos esses cuidados são acompanhados pela parteira, que historicamente é responsável por todo pré-natal das mulheres da etnia Palikur. Acompanhavam

desde o início da gestação até o dia do nascimento. Todo o material utilizado pelas parteiras era produzido e/ou extraído na própria aldeia.

### 3. GESTAÇÃO, PARTO E PÓS-PARTO DAS MULHERES PALIKUR

Historicamente o parto tradicional assistido por parteiras era realizado com a participação do pajé que contribuía com a reza (rituais de preparação do lugar em que seria realizado o parto), e com o conhecimento sobre as plantas medicinais que eram utilizadas na hora do parto.

Porém, a partir da entrada dos profissionais da saúde (não indígenas) nos postos centrais das comunidades indígenas houve muitas transformações no ritual de nascimento das crianças Palikur. **Não é objetivo desta pesquisa realizar uma análise acerca da presença destes profissionais no interior das aldeias indígenas, mas dar visibilidade aos saberes e fazeres de parteiras tradicionais Palikur**, desde os cuidados com a primeira menstruação, as experiências do gestar, do parir, e ajudar outras mulheres a trazerem seus filhos ao mundo.

#### 3.1. Cuidados com a primeira menstruação

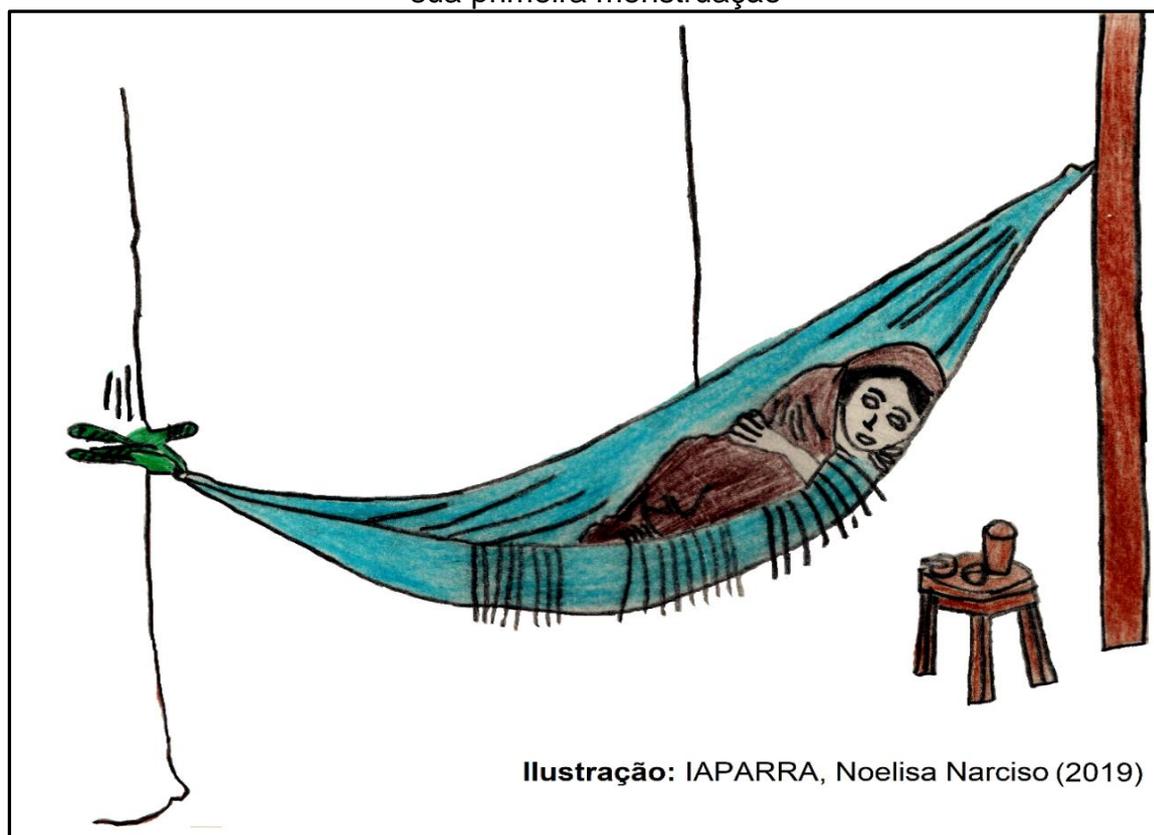
Na nossa cultura, os saberes e conhecimentos tradicionais sobre os cuidados com a primeira menstruação são transmitidos através de gerações. Antigamente todo o período da primeira menstruação de uma moça Palikur, era de responsabilidade de sua mãe. Todos os cuidados eram realizados para evitar que no futuro a menina não viesse a sofrer de dores nas cadeiras<sup>9</sup>, nas costas, reumatismo, e para que não houvesse complicações nos futuros partos que viesse a ter.

A menina não podia sair de casa, permanecia deitada em um ambiente reservado (figura 17), recebendo todos os cuidados de sua mãe, desde o local adequado, até os cuidados com as cólicas menstruais, saindo somente após o quinto ou sexto dia do seu período.

---

<sup>9</sup> Dor lombar, também conhecida como lombalgia, ocorre na parte inferior da coluna vertebral e está entre as dores mais comuns entre homens e mulheres nas diferentes fases da vida. Para as gestantes é importante manter o peso dentro do recomendado para a fase gestacional. Lembrar que as dores lombares em gestantes são comuns e, na maioria das vezes, não representam nenhum problema sério de coluna. Disponível em: <https://sbot.org.br>

**Figura 17:** Local reservado para a menina Palikur permanecer durante o ciclo de sua primeira menstruação



**Ilustração:** IAPARRA, Noelisa Narciso (2019)

**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Glaucia Ioiô Labonte, moradora da aldeia Flecha, viveu essa experiência e recorda-se que ficou no segundo andar da casa em local reservado especialmente para ela, teve contato somente com sua mãe durante todo o período de resguardo da sua primeira menstruação. Descia do quarto apenas para fazer suas necessidades, mas, a mãe cobria sua cabeça com um pano, para o “espírito do urubu” não olhasse para seu rosto, lhe roubando a sorte de arrumar um marido que pudesse ficar com ela até a morte, sem se separar.

Minha mãe me colocou no segundo andar da casa era um local reservado somente para mim. Apenas a mãe que cuidava da menina durante o período da menstruação. O único alimento que era consumido pela moça era o peixe, como traíras, cará, tucunaré. A caça era somente a cotia, para quando um dia a menina arrumar marido e engravidar no dia do seu parto não sangrar muito. A menina ficava bem escondida ao descer de lá de cima e acompanhada pela mãe cobria a cabeça com um pano, para o espírito do Urubu não olhar para o rosto que ela possa ter sorte e arrumar um marido que pudesse ficar com ela até a morte, sem se separar. E para isso que existe esse cuidado com a moça em questão da sua primeira menstruação.

De acordo com Maria Letícia Narciso, que atualmente acompanha as mulheres gestantes na aldeia flecha, esse ritual marca a passagem da menina Palikur para a vida adulta.

Olha Noeliza era assim mesmo que aconteceu comigo, na minha primeira menstruação o meu avô disse para minha avó me isolar num local sozinha, no andar de cima de nossa casa, aí lá eu permaneci durante sete dias, sem realizar nenhuma atividade, descia apenas para fazer minhas necessidades. Me alimentava somente de peixe. Depois desse período, completei seis a sete dias eu descii, e minha avó me levou para tomar banho sentada no banquinho, e depois minha avó pintou meu rosto com urucum, uma marca kuahi<sup>10</sup>, e depois eu me sentei perto do meu avô que transmitiu os ensinamentos necessários para meu ritual de passagem para a vida adulta. Depois eu peguei chibatada nos braços, nas pernas, na barriga e nas costas. Maria Letícia Narciso. Entrevista concedida em 09/2019.

Esse período era resguardado para evitar a aproximação do espírito mau. Até os dias atuais esses cuidados permanecem, as jovens não podem sair de casa, não podem ir para roça, não vão à beira do rio, não podem partir lenha, não carregam água, dentre outras atividades. Assim, quando uma moça ou uma mulher permanece em casa sabemos que está no seu período menstrual.

Dona Adélia Narciso relatou que antigamente ao final do período de resguardo a mãe da moça lhe dava um banho em cima de uma pedra, ou em cima de um banquinho próprio para esse ritual. Após o banho a mãe da jovem a penteava, trançava seu cabelo, e a enfeitava ela com colar moça para encontrar seu avô (ou na ausência deste por seu pai), que a aguardava para lhe dar chicotadas com corda feita de curauá, trançado em três pernas, e depois sentado no banco o avô chamava-lhe atenção sobre o comportamento que ela deve ter com sua família, com as lideranças e com a nossa comunidade (figura 18).

---

<sup>10</sup> Espécie de peixe mais conhecida da região com tamanho médio de 15 cm. A marca característica de suas escamas em de losango, é muito utilizada pelos artesãos, sendo a marca mais utilizada para adornar objetos em todas as etnias (FREITAS, 2016, p.33).

**FIGURA 18:** JOVEM PALIKUR RECEBENDO OS ENSINAMENTOS DE SEU AVÔ APÓS A SUA PRIMEIRA MENSTRUACÃO



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Em entrevista concedida no mês de setembro de 2019 meu cunhado Sandoval Narciso<sup>11</sup> esse ritual era realizado para que a jovem tivesse força para carregar peso e vontade de trabalhar, e também responsabilidade para respeitar os conhecimentos, não responder a mãe, o pai e os mais velhos, porque a partir desse momento ela deixa de ser criança e se torna adulta. Depois de ouvir ensinamentos de seu avô, a jovem se dirigia ao avô cantando, lhe serve a primeira cuia de caxixi<sup>12</sup>, e em seguida servia as demais pessoas da família.

Tem esse ritual de esconder a menina no último andar da casa, os Palikur e os Galibi Marworno que tinha esse ritual. A menina ficava no último andar da casa até a última menstruação, agora com sete dias ela descia, a mãe dava um banho, arrumava ela, penteava, trançava seu cabelo, e enfeitava ela com colar e depois levava para o avô conversar com ela, orientar ela, depois surra ela, nos dois braços, na costa e nas duas pernas.

<sup>11</sup> Entrevista realizada em setembro de 2019

<sup>12</sup> Para a preparação do caxixi a jovem deveria ela mesmo ir até a roça arrancar a mandioca.

Depois o avô senta e recebe a primeira cuia de caxixi, servida pela jovem, que segue cantando até entregar a bebida a seu avô, depois a bebida é servida para as outras pessoas.

Desde as atividades diárias a ser desenvolvidas em sua casa e na comunidade, ao respeito aos saberes e ensinamentos dos seus pais, assim como, das lideranças e pessoas mais idosas da comunidade, esses são saberes transmitidos de geração em geração.

### **3.1 Cuidados com a mãe e o bebê**

Antes da entrada dos conhecimentos “científicos” dos não índios, os saberes das parteiras tradicionais eram muito valorizados nas aldeias do rio Urucaú . A parteira que fazia o pré-natal, acompanhava tanto na gestação como no nascimento e após o nascimento da criança. Até hoje as parteiras realizam esse processo de acompanhamento das mulheres gestantes nas aldeias. Esse é um trabalho muito importante para elas e para nossa comunidade.

As parteiras eram fundamentais para as comunidades, aos cinco meses de gravidez as parteiras iam até a casa da gestante puxar a barriga ouvir o bebê, e verificar se estava tudo bem com o crescimento e a posição ideal para a realização de um parto normal (figura 19).

**Figura 19:** Cuidados com a gestação da mulher da Palikur



ILUSTRAÇÃO: IAPARRA, Noeliza Narciso

Durante a gestação a prática de puxar a barriga é utilizada para acompanhar o crescimento verificar a posição do bebê. Durante o parto a parteira puxa a barriga para aumentar as contrações daquela mulher e para que a placenta não fique retida após o nascimento do bebê

Fonte: Acervo pessoal da autora

Os conhecimentos tradicionais das parteiras são transmitidos de geração em geração, para se tornar uma parteira tradicional, é necessário muito aprendizado. No entanto, nos últimos anos mesmo que a parteira seja muito experiente, muitas delas não realizam mais o parto tradicional, pois com a entrada da medicina não indígena, existem mulheres que preferem confiar nos médicos a confiar nos saberes dos nossos povos.

Essa situação é uma preocupação existente em grande parte das comunidades indígenas de Oiapoque. Tal preocupação foi pauta de reuniões do movimento das mulheres indígenas, em que foi reivindicado que a parteira pudesse acompanhar as mulheres grávidas, mesmo diante da necessidade do parto realizado no hospital. Nas reuniões ficou decidido que além do acompanhamento as parteiras também podem utilizar dos saberes tradicionais, assim como das plantas medicinais para auxiliar no parto, mesmo nos partos realizados no hospital.

Finalizo sinalizando que diante das transformações advindas do contato com a medicina ocidental, é de suma importância o registro da atividade do parto tradicional realizado por parteiras Palikur.

### **3.2. Parto das mulheres Palikur: um ritual de vida**

Como mencionado anteriormente, historicamente as parteiras eram responsáveis por acompanhar todo o processo de gestação das mulheres da etnia Palikur, desde o início da gestação até o dia do nascimento. Segundo a parteira Adélia Narciso “ela tem muito cuidado quando vai ajudar uma parenta dar à luz”.

A preparação para receber a criança, o lugar do nascimento é realizado por mulheres convidadas pela parteira. “*Ambientar espiritualmente una habitación es indispensable dentro de las comunidades indígenas porque es donde se dará la bienvenida al bebé, según cómo se lo reciba, él será con el mundo*”. (ENDARA, 2019)

A parteira também orienta na escolha da posição para o nascimento da criança. Diferente do parto realizado no hospital, em que a mulher permanece deitada na cama, no parto realizado na aldeia as mulheres tem a liberdade de ficarem recostada, ali fazendo força para poder a criança nascer, deitadas, sentadas, em cima de um banquinho apoiada em uma ajudante (figura 20) enquanto a parteira senta em baixo para receber a criança que vai nascer.

**Figura 20:** Uma ajudando a outra: parteira Palikur auxiliando a gestante durante o trabalho de parto



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

No parto domiciliar a mulher além da liberdade na escolha da posição para dar a luz, tem a ajuda da família para que possa encorajar a mulher que vai parir, principalmente uma mulher que vai ter o seu primeiro filho. Nesse caso é importante que a família participe do parto ajudando em tudo que a parteira precisar. Por isso

que as mulheres indígenas da região Palikur preferem realizar seu parto na aldeia, com a parteira, perto de sua família. Além da segurança que a família transmite, tem o poder de cura das plantas medicinais, que deixam as mulheres mais tranquilas.

Segundo os ensinamentos de Dona Adélia<sup>13</sup> “é muito importante organizar um lugar próprio para essa mulher dar luz ao seu bebê, em lugar que a parturiente tenha liberdade de escolha da posição durante o parto, e que não passe ninguém perto, pois não pode sacudir a mãe e nem assustar a criança”. A mãe permanecerá nesse local por oito dias. Nesse período além da parteira, só poderá ter contato com seu esposo, sua mãe, avó, sogra, ou filha maior de 18 anos de idade, ou que já tenha tido filho, que ficam responsáveis pela medicação indicada pela parteira. No caso das mulheres Palikur, só podem assistir ao parto uma mulher da família, como por exemplo, uma tia, uma cunhada, irmã, sogra etc.

Uma jovem que ainda não tenha sido mãe não pode participar dos cuidados da gestante durante o parto, uma vez que segundo os mais velhos, a jovem não pode ter contato com o sangue da mãe porque no futuro pode desenvolver doenças como o reumatismo. Assim a jovem fica responsável apenas por cuidar da casa, sem se aproximar do local em que a mãe está.

O pai da criança não pode trabalhar durante uma semana. Deve permanecer em casa para cuidar da sua esposa. Segundo os conhecimentos dos ancestrais o espírito da criança está no pai. Assim, se o pai desenvolver qualquer atividade pode dar dor no corpo da criança e, essa criança pode adoecer ter febre.

Se o pai desobedece e a criança adoecer a mãe deve pegar uma camisa usada do seu esposo, aquecer no fogo e colocar sobre as costas do bebê. A parteira também pode banhar a criança com ervas. Se ainda assim a dor persistir o pai pode chamar o pajé ou pessoas que sabem rezar, para tirar o espírito que está naquela criança. Se não der tempo e a criança morrer é porque o pai não obedeceu a cultura do seu povo.

Nos momentos que antecedem ao parto, as parteiras puxam a barriga da gestante para aumentar as contrações daquela mulher e também contribuir para que a placenta não fique retida após o nascimento do bebê. Para puxar a barriga

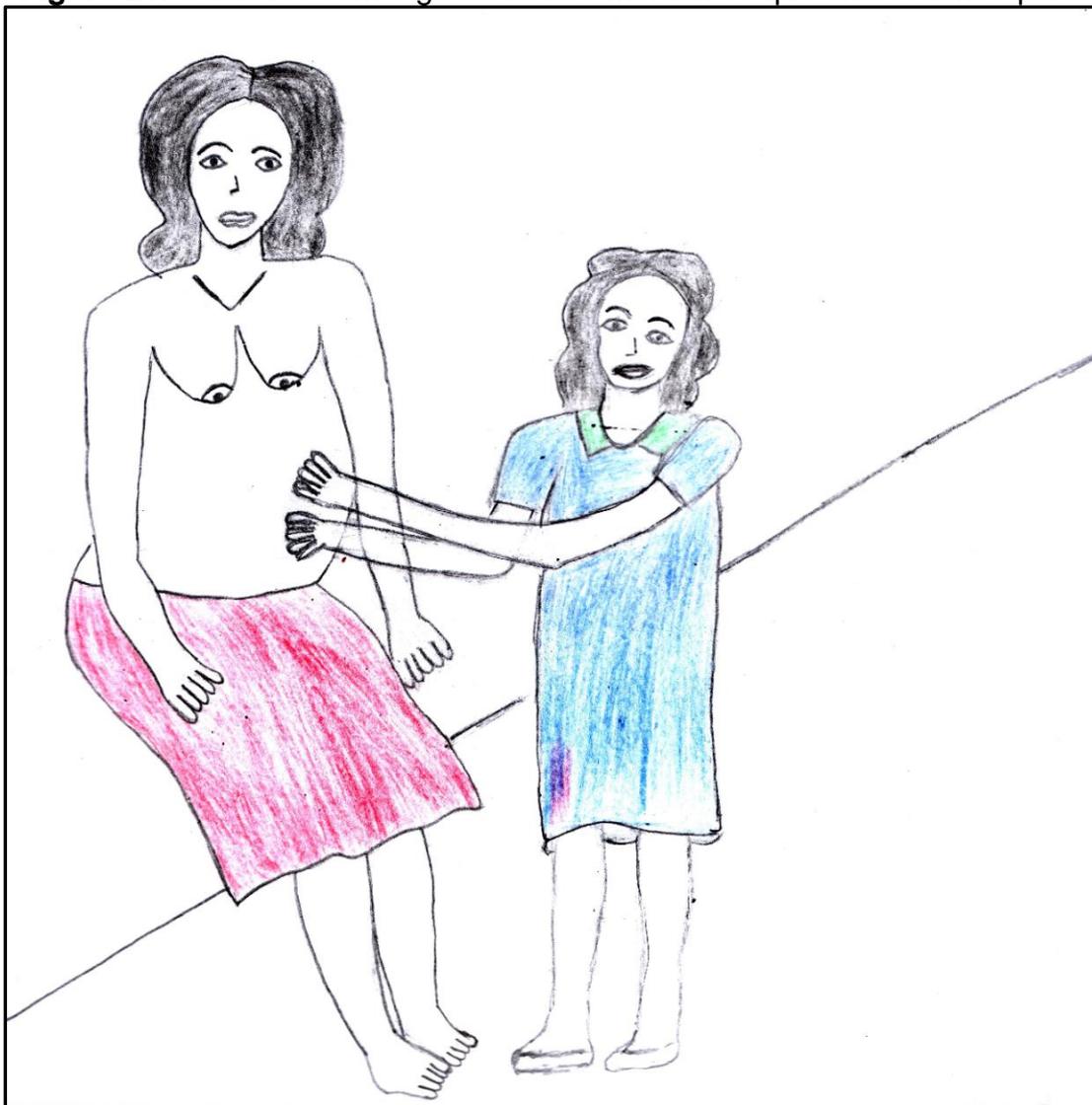
---

<sup>13</sup> Em entrevista concedida no dia 25/01/2019

da gestante, eram utilizadas algumas folhas numa cuia branca sem pintura, retirada da cueira (figura 12), e também banha de animais.

Para saber se e a criança está encaixado e na posição correta a parteira deve examinar a barriga, da gestante (figura 21).

**Figura 21:** Cuidados com a gestante nos momentos que antecedem o parto



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

A partir do quinto mês de gestação é importante que a parteira faça esse acompanhamento. Durante a gravidez o bebê se mexe muito, e por isso é muito importante examinar a posição do bebê no último mês de gravidez.

Se a criança estiver na posição transversa na barriga da mãe, a parteira deita a mulher esticando os braços atrás da cabeça, e faz movimentos girando com muito cuidado, para encaixar a criança na posição correta para o parto normal.

Quando a mulher apresenta um parto demorado, com poucas contrações, a parteira manda buscar na mata uma planta chamada alfavaca (figura 21) ou barba de paca, para puxar a barriga da mulher e assim, aumentar as contrações.

**Figura 11:** Alfavaca– planta medicinal utilizada para puxar aumentar as contrações da parturiente



Foto: IAPARRA, Noeliza, 2019

Fonte: trabalho de campo

A folha de alfavaca é amassada em uma cuia e um pouco de água para engrossar. Essa mistura é utilizada para puxar a barriga da gestante. Já a barba de paca queima-se e depois amassa e coloca na vasilha com um pouco de água, coa em um pano, dá um pouco para a mulher beber e o restante é usado para puxar a barriga. Se mesmo assim, persistirem as complicações a parteira prepara um mingau feito com farinha e água, que é enviado para o pajé, ou alguma pessoa mais velha que sabe soprar para o espírito de *sucuriju*, ou mucura, que por serem animais rápidos ajudam criança a nascer mais rápido e saudável.

Quando uma mulher não consegue ter seu bebê rápido, então, antigamente soprava no espírito de *sucuriju*, ou mucura, mas agora eu estou esquecendo tudo, tem que fazer o banho de acento com casca de mahuxi, venehez, kakatxizozo, o mani tem que colocar para secar no sol, para fazer o banho de acento. Eu sei ainda alguma coisa. Quando o parto de uma mulher demora aí prepara um pouco de mingau e dá para aquela mulher, pode soprar na barriga da mulher também, em dois espíritos *sucuriju* ou mucura porque são rápidos. (SANDOVAL NARCISO, ENTREVISTA CONCEDIDA EM SETEMBRO DE 2019)

O ritual de soprar conhecido como potás em Kheoul ou aviri em palikur, é “um conhecimento, que hoje, faz parte da cultura imaterial dos povos indígenas Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur que habitam a terra indígena do Uaçá”. (FORTE, 2017, p. 15)

Para Tassinari (2003) “Os *potas* são canções entoadas em voz muito baixa, próximo à cabeça ou ao corpo do doente, acompanhadas de sopros e pequenas cuspidelas”. Para esta autora o som baixo das canções “faz parecer mesmo um “sopro” e dizem que é ele que manda a doença embora” (TASSINARI, 2003, p.292).

Esse conhecimento comparece nos escritos de Arnaud 1970 para o qual os sopradores podem se empenhar também em “consertar através do sopro o sexo de uma parturiente, a fim de que ela possa reiniciar as relações sexuais antes da conclusão do resguardo”; (Arnaud,1984, p.47)

Após o parto se a placenta ficar retida por mais de meia hora, pega-se um pouco de sal e amassa em uma panela levando ao fogo com um pouco de água, para realizar uma compressa nas cadeiras da mulher. O óleo de panela (soja, girassol, milho, azeite) também é utilizado para fazer a compressa, bem como para esquentar o cordão umbilical do bebê.

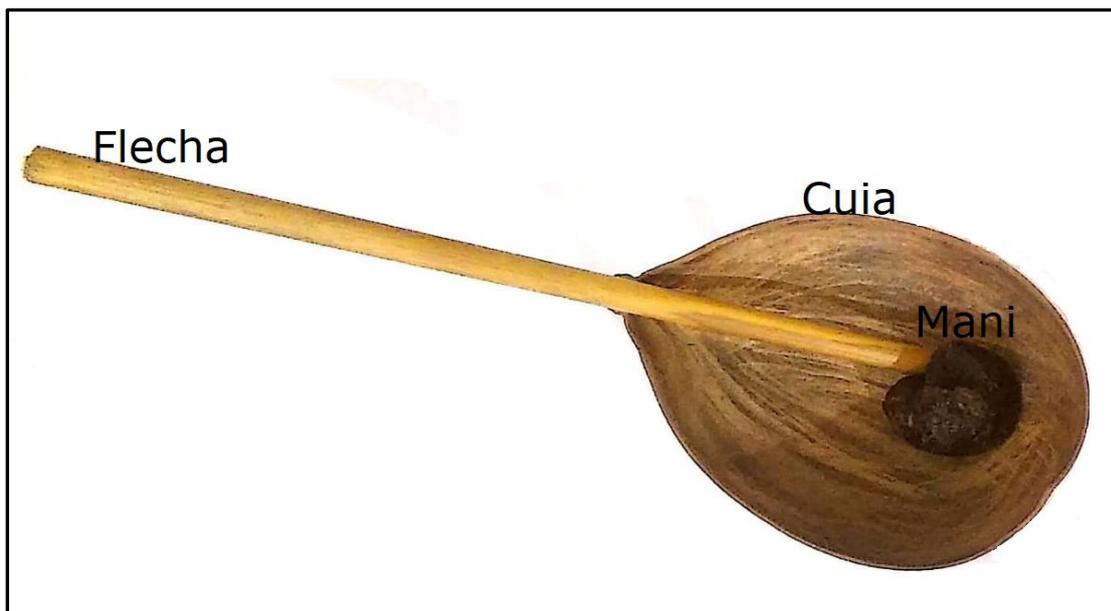
**Figura 21:** Parteira preparando as compressas para os cuidados no pós-parto



**Ilustração:** IAPARRA, Noeliza  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Para cortar o cordão umbilical, a parteira utiliza uma flecha usada, cedida pelo pai do recém-nascido.

**Figura 22:** Instrumentos usados no Parto das mulheres Palikur



**Foto:** SILVA, S.R. (2019)  
**Fonte:** trabalho de campo

A flecha é plantada nas aldeias e colhida uma vez por ano, tanto por homens como pelas mulheres. Mas é utilizada somente pelos homens em meio a busca por alimentos como a caça e a pesca.

Antigamente quando a esposa está grávida o futuro pai guarda a flecha quebrada para que possa ser usada pela parteira para cortar o cordão umbilical da criança. Logo após o nascimento, a parteira pega da flecha, bem no meio, corta o cordão umbilical e depois amarrava com fibra de curauá. Mas hoje não é mais cortado com a flecha e sim com a tesoura. Com o curso de parteira que foi realizado em Macapá no ano de 2005, as parteiras ganharam materiais para realizar o seu trabalho na parto domiciliar nas aldeias.

Existem outras práticas utilizadas para ajudar a soltar a placenta, dentre as quais, a mulher após dar à luz sopra em uma garrafa, ou a parteira orienta a mesma a engolir um ovo de galinha caipira; ou manda o pajé soprar no mingau para a mulher tomar, e assim, a placenta sai sem maior sangramento, é enterrada próxima a casa da família, em uma profundidade de no mínimo meio metro para que a mulher não venha a menstruar muito rápido e nem engravidar rapidamente.

Segundo Dona Adélia após estes rituais a parteira faz chá de ervas (figura 21) para a mulher tomar, e faz compressas no útero com óleo de tucumã misturado com andiroba, em folhas de algodão roxo, raiz de ahixa, e folha de venehez (figura 23), para diminuir o sangramento.

**Figura 23:** Venehez – planta medicinal utilizada para diminuir o sangramento no pós-parto



Foto: IAPARRA, Noeliza, 2019

Fonte: trabalho de campo

De acordo com os ensinamentos de dona Adélia se depois do parto a mulher apresentar sangramento, pega-se a raiz de uma planta chamada uahuxi ou as folhas de venehez, e faz o chá e dá meio copo morno para a mulher tomar. Durante o período de resguardo da mulher a parteira recomenda fazer banhos de casca de algumas árvores da mata como, casca de andiroba, casca de mahuxi, ou mani.

Para o banho coloca-se todas as cascas para cozinhar, sendo o banho realizado sempre ao meio-dia, durante os primeiros cinco dias após o parto.

Após o parto os cuidados com a mãe e com o bebê permanecem. Quando estamos com um bebê recém-nascido algumas restrições alimentares devem ser respeitadas. É importante durante a amamentação evitar ingerir alimentos

gordurosos, frituras e doces que podem causar vômito e diarreia na criança. “Este mal é tratado com o pota *hãje tximun ie van djivã piã*, que chamamos em português de *potá* da mucura, por ela ser um animal com um intestino muito resistente”. (FORTE, 2017, p.13)

Animais de grande porte como a anta e o pirarucu também devem ser evitados, assim como, a mulher deve evitar expor o seio porque senão o espírito mal pode olhar para o seio da mulher e causar vômitos e inchaço (prisão de ventre). Quando ocorre da criança ficar doente tem uma reza, (sopro) que é realizado para evitar que a criança venha a óbito.

Na entrevista concedida por Sandoval Narciso, podemos acompanhar um sopro (potá) realizado para que o pai pudesse trabalhar após o nascimento da criança, sem causar problemas de saúde para o recém-nascido. Outro cuidado destacado por seu Sandoval Narciso se refere aos cuidados com a amamentação.

Esse canto é sobre a criança recém-nascida para preparar a criança para o pai poder trabalhar e não causar problemas de saúde para que não venha a adoecer então é isso. É isso que lembro alguma coisa eu já to esquecendo então é isso. Cuidado que temos que ter quando a amamentação e tudo que fomos comer, depois que a criança tiver um ano, qualquer coisa que for comer tem que passar um pouco sobre a barriga da criança para não fazer mal a criança.

Ainda hoje existem famílias que mantêm esses cuidados. Quando tive meus filhos levei para o soprador fazer um pota para que nada de ruim viesse a acontecer.

### **3.3. O parto da mulher Palikur na contemporaneidade: mudanças e permanências**

Segundo a enfermeira Paulina, quando ela chegou em Oiapoque no ano de 2008, a maioria dos partos eram realizados na aldeia. Em especial a mulher Palikur só procurava o hospital quando apresentava complicações, como por exemplo, se a criança está na posição transversa, ou a gestante apresentar um sangramento muito intenso antes do parto, ou a ruptura da placenta.

De acordo com dados da CASAI Oipoque, entre os anos de 2015 e 2018 106 mulheres Palikur a espera do trabalho de parto, deram entrada no polo base da aldeia Kumenê, sendo encaminhada para CASAI, para ser avaliadas pelo médico. Nesses casos, geralmente a mulher apresentou alguma complicação durante a

gestação como pressão alta, ou baixa. Fraqueza, infecção urinária, ou o bebê se encontra na posição transversa.

Nesse caso a mulher é encaminhada primeiramente para a CASAI, e posteriormente transferida para o hospital. Nesse período foi registrado oitenta e quatro partos normais e 23 cesárias.

Paulina relatou que até os dias atuais as mulheres Palikur preferem fazer o acompanhamento (pré-natal) com as parteiras das suas aldeias. Elas são muito tímidas e não tem a mesma confiança nas enfermeiras que possuem nas parteiras.

O parto cesariano é uma grande preocupação das gestantes indígenas, que resistem a fazer a ultrassonografia, por medo de ter que submeter a esse procedimento. De acordo com a enfermeira Paulina, mesmo com o diagnóstico de um possível parto complicado, algumas gestantes optam pelos saberes e conhecimentos das parteiras, que fazem o acompanhamento, puxam a barriga daquela mulher e no final das contas o parto acaba sendo normal. Houve casos em que mesmo com o diagnóstico da necessidade do parto cirúrgico, a mulher assinou o termo de responsabilidade e optou pelo parto normal, assistido pela parteira.

É interessante que mesmo no parto realizado no hospital, as mulheres indígenas usam ervas e plantas medicinais para aumentar as contrações. Após o parto a parteira puxa a barriga da mulher para colocar o útero no lugar e depois amarra com um pano para ter segurança. De acordo com Paulina as plantas ajudam porque possuem poder medicinal. Ela relatou que as parteiras contribuem muito na hora do parto. Destacou que é inquestionável o conhecimento dessas mulheres. Além disso, relata que a confiança que as parteiras transmitem para as mulheres na hora do parto, contribuem para o transcorrer do parto realizado no hospital, longe de suas comunidades.

Paulina destaca que essa realidade resulta do trabalho em parceria realizado entre a parteira e a equipe multidisciplinar da saúde indígena.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram quatros anos de experiências vivenciadas no curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Muitos foram os desafios enfrentados, nessa trajetória que me trouxe até aqui.

De maneira entendemos que as reflexões realizadas na presente pesquisa nos possibilitaram contribuir para o registro de parte dos saberes e conhecimentos das ajudantes Palikur que atuam na região do rio Urucauá no município de Oiapoque. Destacamos a importância da medicina tradicional, para o fortalecimento dos saberes das parteiras tradicionais, seja através do conhecimento acerca das plantas, restrições alimentares, assim como a importância de práticas culturais como as desenvolvidas pelos sábios assopradores, como o senhor Sandoval Narciso, que contribuiu com essa pesquisa.

Tendo em vista que historicamente a arte ajudar umas a outras é transmitida de geração em geração deixo aqui registrado para as futuras gerações parte dos saberes transmitidos por minha mãe Maria Nilza Narciso, minha tia Adélia Narciso, minha cunhada Maria Clarice Narciso, e minhas sobrinhas Ana Helena e Maria Letícia, as quais acompanhei partos realizados nas aldeias Flecha e Kumenê desde os meus 18 anos de idade.

Considerando que guardadas as suas especificidades a arte é um importante instrumento de transmissão de conhecimento para os povos indígenas entendemos que as ilustrações elaboradas no interior da presente pesquisa, é um importante material a ser trabalhado nas escolas indígenas do nosso município. Em resumo, constatou-se que através das experiências vivenciadas na transmissão de conhecimento das ajudantes Palikur, expressas por meio das memórias e/ou dos desenhos elaborados, foi possível dar visibilidade aos saberes das parteiras Palikur na arte de partejar, um saber compartilhado pelas mulheres que como a autora desta pesquisa, passaram pela experiência do gestar, do parir e, que auxiliam outras mulheres a trazerem seus filhos ao mundo.

## 5.REFERÊNCIAS

ARNAUD, Expedito. **Os índios Palikúr do rio URUCAUÁ** - Tradição tribal e protestantismo. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 1984, 82 p, il, (Publ, avulsas, 38)

BATISTA, Ailton. **Origens dos clãs palikur-arukwayene *Kinetihwakri amin ku karintak arukwayene himaw***. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), área Ciências Humanas, Oiapoque, novembro de 2018.

CASTRO, Ester de. **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque**. Iepé e Museu Kuahí. 1. ed. São Paulo: IEPE – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013.

FERREIRA, Luciane Ouriques. Emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p. 203-219. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/download/86250/88904/0>. Acesso em: 20/10/2018.

FORTE, Janina dos Santos. **Lang dji pota-iela: a língua dos pota**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), área Linguagens e Códigos, Oiapoque, dezembro de 2017.

RICARDO, Carlos Alberto, **Povos Indígenas no Brasil** – São Paulo: CEDI, 1983.

SILVA, SERGIO dos Santos. **O transporte de navegação dos “Galibi Marworno” da Aldeia Kumarumã entre os anos de 1980-2018**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), área Ciências Humanas, Oiapoque, novembro de 2018.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No Bom da Festa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.